

ENTREVISTA

Estudos Anglo-Saxônicos

Prof. Dr. Ryan Lavelle,
Senior Lecture in Medieval History
Faculty of Humanities and Social Sciences
Universidade de Winchester, Reino Unido
Ryan.Lavelle@winchester.ac.uk

Por Elton O. S. Medeiros

Principais obras publicadas:

- *Alfred's Wars: Sources and Interpretations of Anglo-Saxon Warfare in the Viking Age*, Woodbridge: Boydell, 2010 (ganhador do prêmio “Verbruggen Prize”).
- *Royal Estates in Anglo-Saxon Wessex: Land, Politics and Family Strategies*, British Archaeological Reports British Series 439, Oxford: Archaeopress, 2007.
- *Aethelred II: King of the English, 978-1016*, Stroud: Tempus, 2002 (edição revisada, 2008).
- *Fortifications in Wessex, c. 800-1066*, Oxford: Osprey, 2003.

Elton O. S. Medeiros (EM): Os estudos anglo-saxônicos possuem uma longa trajetória de pesquisas e hoje, reconhecidamente, formam um campo importante dentro dos estudos voltados à Inglaterra e ao norte da Europa medieval. Em sua opinião, para os pesquisadores (tanto de graduação quanto de pós-graduação) que estão tomando seu primeiro contato e queiram se aprofundar dentro desse campo, quais seriam as principais fontes documentais e bibliográficas iniciais?

Ryan Lavelle (RL): Para mim o livro editado por James Campbell, *The Anglo-Saxons*, publicado em 1982 permanece como a introdução essencial ao assunto. Ele é escrito por três dos mais importantes estudiosos de seu tempo, com capítulos escritos pelo próprio Campbell, Patrick Wormald e Eric John, e ensaios curtos por um número

de outros estudiosos em temas como Sutton Hoo e a Yorkanglo-escandinava. O que me atraiu como um graduando tomando contato com o assunto foi a maneira pela qual o assunto se revela claramente nos ensaios; este é um assunto no qual a cultura material, assim como o próprio cenário é tangível, é até mesmo nova. O livro foi escrito com uma tremenda visão de futuro para o desenvolvimento de estudos nas gerações seguintes, e ele tem resistido à prova do tempo; em face das discussões da, digamos, cultura material da antiga realeza, a descoberta do tesouro de Staffordshire parece um desenvolvimento natural do que foi previsto nesse livro. A chamada de James Campbell aos historiadores para utilizarem suas imaginações permanece como uma forte influência. Ele admite as limitações das evidências, mas chama a atenção para a maneira na qual a criatividade humana pode nos auxiliar para preencher esta lacuna. Uma mensagem poderosa a ser passada a qualquer estudante. Apesar do foco de minha pesquisa ser na verdade sobre o período tardio anglo-saxão dos séculos IX ao XI, eu acredito que é importante para o aluno se familiarizar com o período mais antigo e assim uma cópia da *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum* de Beda, do século oitavo, é uma fonte essencial para se familiarizar com este período, juntamente com *Kings and Kingdoms of Early Anglo-Saxon England* (Londres, 1990) de Barbara Yorke como um guia para mostrar como as nuances do linguajar de Beda pode nos contar muito a respeito do período.

Para uma introdução compreensiva às fontes documentais primárias, não há como errar com uma cópia do primeiro volume dos *English Historical Documents*, editado por Dorothy Whitelock. Ele é uma valiosa coleção de documentos de todos os tipos (incluindo Beda) e embora, como tem sido demonstrado, as escolhas de Whitelock dos documentos e traduções poderiam introduzir suas próprias inclinações pessoais (para uma visão atual da escolha de Whitelock dos documentos (*charters*), por Jonathan Jarrett, ver <<<http://tenthmedieval.wordpress.com/2012/01/16/rgime-failure-and-the-mutation-documentaire-under-thelred-the-unready/>>>), seu valor é enorme. Isto é, infelizmente, refletido pela decisão das editoras em manter o preço tão alto – na casa de centenas de libras – que muito poucos estudantes consigam comprar uma cópia. Muito raramente eu vejo uma edição de segunda mão por menos do que cinquenta libras. (Foi tanto um dia feliz e triste para mim quando eu consegui obter uma cópia a um preço razoável, o que significava que a cópia da biblioteca da Universidade que eu tinha renovado, devolvido e renovado novamente desde minha chegada em Winchester em 1997 pode finalmente ser devolvida permanentemente para as prateleiras da biblioteca em 2011!) Ainda assim, mesmo se não conseguir obter os *English Historical Documents*, outros documentos estão disponíveis em outras partes, como os éditos anglo-saxões, muitos dos quais estão disponíveis em traduções online, como em <<<http://www.esawyer.org.uk/browse/index.html>>>, e o maior conjunto de narrativas de anais do período, a *Crônica Anglo-Saxônica*, está disponível em várias traduções, mais recentemente por Michael Swanton (Londres, 1995). Obras como essas levam certo tempo e esforço para começar a compreender então talvez seja bom começar com uma coleção como a de Kevin Crossley-Holland, *The Anglo-Saxon World*, que introduz muitas fontes, e ajuda o leitor a ficar ciente de suas idiossincrasias.

(EM): Pode-se dizer que os estudos anglo-saxônicos ganharam um maior impulso acadêmico a partir da segunda metade do século XX, destacando-se nomes como os de Sir Frank M. Stenton, J. R. R. Tolkien, Dorothy Whitelock, entre outros. Anterior a esse momento, em obras como as de Donald Scragg e Carole Weinberg, *Literary*

Appropriations of Anglo-Saxons from the Thirteenth to the Twentieth Century (Cambridge, 2000), T. A. Shippey argumenta que em função da construção de uma identidade social no século XIX, promotora de maior exaltação ao passado céltico como forma de integrar a população das diversas partes da Grã-Bretanha, os estudos anglo-saxônicos teriam permanecido ofuscados até início do século XX. Isso teria gerado interpretações equivocadas sobre o período, nas quais a Inglaterra anglo-saxônica era muitas vezes encarada como um momento bárbaro da história inglesa através de uma visão romântica oitocentista. O que podia ser visto através de obras artísticas da época, como as de Lord Tennyson e sua tradução de *A Batalha de Brunanburh*, peças teatrais e romances carregados de uma aura fantasiosa e muitas vezes anacrônica. Qual sua opinião sobre essa relação entre uma identidade nacional vitoriana e sua influência negativa nos estudos anglo-saxônicos?

(RL): Eu não estou convencido de que esta relação é assim tão negativa no final do século XIX. O estudo de 1981 de J. W. Burrow, *A Liberal Descent*, mostrou como a sociedade vitoriana fez uso de um vínculo ingênito (em grande parte um imaginário com os anglo-saxões). E a esse respeito não era particularmente negativo. Há uma estátua contemporânea do Príncipe Albert e da Rainha Vitória como anglo-saxões (especificamente como Alfred o Grande e sua esposa, Ealhswith, se eu recordo corretamente), que Burrow usou para ilustrar o livro, e mostra a maneira pela qual esta noção deste vínculo tinha sido levada a sério.

Então, a noção da leitura dos vitorianos sobre os anglo-saxões como algo efetivamente “teutônico” e “germânico” era uma questão significativa. Da mesma maneira pode ser negativa, contudo, enquanto significa que certo conjunto de expectativas é estabelecido pelo moderno (i.e. os estudos contemporâneos sobre o período), que pode ser absurdamente equivocada. Eu não quero que as pessoas pensem que, por exemplo, o *fyrd* anglo-saxão era formado por fazendeiros de meio-período, os quais participavam em campanhas (como diria o discurso pós-1914, eram “convocados”) porque essa era uma afirmação de seu status de liberdade.

Mesmo assim, este interesse de longa data na sociedade anglo-saxônica permanece útil de um ponto de vista pedagógico. Ele mostra o envolvimento público, especialmente em Winchester onde a estátua do Rei Alfred domina a paisagem do centro da cidade, e muitas pessoas aqui em Winchester tenderiam a compreender o tipo de coisa em que eu trabalho (apesar de às vezes Alfred ser confundido com Artur!).

(EM): Há uma quantidade crescente de pesquisas sobre a Inglaterra anglo-saxônica que vem se utilizando de uma gama cada vez mais diversificada de fontes (sejam elas escritas ou da cultura material). Contudo, em relação à tradição dos estudos anglo-saxônicos, entre os temas mais recorrentes, sempre persistiu certa predileção por pesquisas ligadas ao rei Alfred o Grande e ao poema *Beowulf*. Pode-se dizer que em função disso outros temas pertinentes ao período podem ter sido deixados de lado, os quais agora começaram a ser mais bem explorados? Ou isso poderia ser uma consequência do desenvolvimento dos mais recentes métodos de análise e do próprio campo de pesquisa?

(RL): Eu suponho que eu sou um desses que retorna ao Rei Alfred em meus estudos, mas há de fato muitas leituras diferentes e de diferentes tipos de evidência,

como uma olhada na página de índice de qualquer volume recente do periódico da Cambridge University Press, *Anglo Saxon England*, irá demonstrar. Pesquisadores sempre irão encontrar uma forma inteligente de abordar um tema de um ângulo diferente. Quando uma nova evidência possa vir aparecer no radar isso pode significar uma reconsideração de posicionamentos aceitos (por exemplo, o “novo” manuscrito da *Encomium Emmae*), na maioria dos casos reconsideração de evidência sob um novo enfoque é uma consequência interessante da engenhosidade dos pesquisadores. Novas metodologias para abordar evidências podem ser um desenvolvimento disso (por exemplo, no estudo de éditos), mas eu não penso que as metodologias por si mesmas sejam a força condutora; de fato, elas são as ferramentas.

(EM): Em meados de 2013 será sediada em Dublin, Irlanda, a conferência bienal da *International Society of Anglo-Saxonists* (ISAS), cujo tema será “Culturas Insulares”, focando no relacionamento entre a Inglaterra anglo-saxônica e a Irlanda durante a Alta Idade Média. Como você vê o panorama atual dos estudos anglo-saxônicos na Grã-Bretanha e ao redor do mundo e quais você acredita que seriam as perspectivas futuras neste campo de pesquisa?

(RL): Em vários sentidos o campo de estudos sobre os anglo-saxões é rico e diverso, talvez mais rico e mais diverso fora do Reino Unido do que dentro dele. Isto não é nada surpreendente, dada a fácil disponibilidade de novas tecnologias para conectar os estudiosos ao redor do mundo, e a existência de uma comunidade online que é extremamente cooperativa. Provavelmente haverá uma tendência de se tornar mais especialista nos estudos de textos em particular, e a análise científica de fontes – não apenas fontes arqueológicas – irão provavelmente ser aplicadas de maneiras que nós ainda não havíamos pensado (eu não acredito que alguém previu as “Humanidades Digitais” vinte anos atrás, por exemplo). Há um equilíbrio delicado a ser feito, entretanto. Há um interesse geral sobre “estudos anglo-saxônicos” por causa do grande legado de textos (sem mencionar o legado de Tolkien), mas enquanto eu penso que o amplo interesse ajuda as pessoas a entenderem o que o pesquisador da Alta Idade Média faz, nós devemos ter cuidado para não imbuir a Inglaterra anglo-saxônica com uma noção de identidade “especial” além da evidência. Eu não acho que os anglo-saxões deveriam ser inteiramente removidos do contexto do restante da Europa de sua época, o que às vezes é a tendência dos “estudos anglo-saxônicos”.

(EM): Suas pesquisas atuais lidam com a história militar e rebeliões na Alta Idade Média. Sobre a Inglaterra anglo-saxônica, é comum o período ser lembrado pelo público em geral devido aos confrontos contra as incursões vikings – principalmente as do século IX – de um modo um tanto maniqueísta, numa dualidade acirrada entre anglo-saxões e escandinavos e muitas vezes utilizando-se de uma perspectiva que seria mais adequada às guerras modernas. Até que ponto esta visão dos conflitos do período condiz com a realidade e quais seriam os principais equívocos?

(RL): Eu já comentei sobre a noção de vínculo ingênito entre os vitorianos e os anglo-saxões, mas o legado desta vez vem de longa data, na medida em que muitos pontos de vista do período (inclusive de alguns eminentes historiadores) englobam a ideia de um tipo de serviço militar universal de homens livres, um serviço militar

obrigatório, exceto no nome. Isso volta as abordagens do período anglo-saxão para os de uma guerra quase total. Não estou convencido de que a visão de "Medieval Total War" (sic) é o caminho certo para se pensar nas campanhas entre os anglo-saxões e os vikings. A guerra era devastadora, presumivelmente, para aqueles cujas terras ou lares podiam ser destruídos por um exército devastador, mas mesmo as maiores estimativas do tamanho dos primeiros exércitos medievais não são compatíveis com as imagens de devastação como as retratadas pela *Crônica Anglo-Saxônica* no reinado de Æthelred II (o "Unready"). Assim, os tipos de campanhas no século X da chamada "reconquista" da Inglaterra durante os reinados de Edward o Velho e seus filhos foram muito provavelmente não a guerra contínua que a *Crônica Anglo-Saxônica* pode nos levar a acreditar.

A outra questão é a crença comum de que os anglo-saxões "sempre" desmontaram para lutar. Eu estou sendo bastante convencido pelos argumentos de Guy Halsall, feitos em *War and Society in the Barbarian West, 300-900* (Londres, 2003), que a imagem do combate dos anglo-saxões com escudos sobrepostos é algo que é impulsionado pela natureza conservadora do material de origem poética. Uma visão dos guerreiros anglo-saxões aristocratas semelhante aos francos seria algo mais razoável.

(EM): Focando na figura do rei Alfred, sem sombra de dúvida ele é uma personagem de destaque neste momento histórico. Entretanto, apesar dos debates em torno da construção da imagem lendária, quase mítica, do rei – como sobre a legitimidade (por vezes questionada) da biografia de Asser sobre Alfred e das elaborações nacionalistas da Era Vitoriana – devemos nos perguntar: sua presença foi realmente fundamental para a história da Inglaterra medieval?

(RL): Absolutamente, sim. É claro, Alfred teve seus grupos de propagandistas, tanto na época de seu reinado quanto depois, mas parece ter havido uma consciência de que durante o século IX algo importante aconteceu no sul da Inglaterra. Claro que Alfred herdou muitas coisas no reino de Wessex que lhe permitiram sobreviver – uma sucessão incontestável em 871, sistemas de fortificações que podem muito bem ter existido antes de sua vitória em 878, por exemplo – mas que em última análise deu um sentido de uma "dimensão maior" para assegurar que as circunstâncias de sucesso militar em 878 poderiam ser convertidas em algo mais grandioso do que um sucesso de curto prazo.

(EM): O que você poderia dizer a respeito de seu último livro, *Alfred's Wars: Sources and Interpretations of Anglo-Saxon Warfare in the Viking Age*?

(RL): O plano original para o livro, discutido com editores da Boydell, era escrever um livro que era uma coleção de fontes, especialmente aquelas associadas com as campanhas do rei Alfred, reunidas com alguns trechos curtos explicativos sobre como a tradição de estudos, como os de Warren Hollister e, mais recentemente, Richard Abels se desenvolveram, com extratos de obras desses autores, e outros.

Isto era para preencher uma lacuna importante nos estudos do período uma vez que, embora haja uma boa variedade de estudos sobre a guerra anglo-saxônica, não parecia realmente haver nada que reunisse tudo em um trabalho de síntese.

Tenho o prazer de dizer que o livro conseguiu isso, mas durante o processo de identificar essas fontes que poderiam ser publicadas e os temas a serem sintetizados, minhas próprias discussões sobre o tema da guerra tornaram-se mais e mais dominantes no manuscrito do livro, tanto que Boydell decidiu que eu seria melhor descrito como o “autor” em vez de “editor” do livro (uma distinção sutil, mas importante!). Assim, com a discussão de algumas das principais fontes primárias, ao lado de algumas fontes levadas em consideração com menos frequência, e trechos de alguns dos principais estudiosos, *Alfred's Wars* apresenta uma tese sobre o papel dominante da guerra como o fator subjacente no desenvolvimento do reino anglo-saxão, como algo que é uma herança direta da evolução que ocorreu durante o reinado de Alfred. É claro que este não foi um desenvolvimento sem oposição e inteiramente bem sucedido, como eu ainda chamo a atenção para as limitações dos sistemas militares e do Estado anglo-saxão, mas o que eu queria mostrar é que há alguma unidade no que foi alcançado, muitas vezes através de meios muito violentos, no IX até o século XI.